Décima sétima carta — Explicação do título desta correspondência

> **Sumário.** O século XIX não faz mais a Genuflexão diante do verdadeiro Deus, e assim viola a primeira lei da criação. — Faz a Genuflexão diante de falsos deuses. — Não quer que a façam diante do verdadeiro Deus. — Algumas de suas blasfêmias.

17 de julho.

Meu caro amigo,

Enfim, cumpro hoje a minha promessa. Esta carta vai explicar-te o título da nossa correspondência: *A Genuflexão no século XIX.*

O homem é um ser criado para adorar. Não se tendo feito a si mesmo, tem de adorar alguém ou alguma coisa. Esse alguém ou essa coisa é o Ser, deus ou criatura, cuja superioridade reconhece; de quem espera algum bem e a quem deve homenagens de submissão e de gratidão. O que é verdade do homem é verdade dos anjos, dos demônios e de todos os seres criados.

A adoração é, pois, a lei da criação inteira. A Genuflexão é o ato exterior, o sinal obrigatório da adoração. Assim a entenderam e praticaram todos os povos do mundo, Judeus, Cristãos, Pagãos. Visto que uma lei se reconhece pela permanência dos efeitos, a Genuflexão é, pois, uma lei: lei universal, sagrada, impiedosa.

Digo impiedosa, porque o homem não pode subtrair-se a ela. De bom ou de mau grado, tem de fazer a Genuflexão. Se não a faz diante do Deus verdadeiro, fá-la-á diante do deus falso; se não a faz diante do Deus Altíssimo, fá-la-á diante do deus baixíssimo; se não a faz diante do Deus espírito, fá-la-á diante do deus matéria; se não a faz diante do Deus eterno, diante do Ancião dos dias, *Antiquum dierum*, como diz a Escritura,[1] fá-la-á diante de um deus moderno; se não a faz diante de um só Deus, fá-la-á diante de muitos deuses; numa palavra, se não a faz diante de Deus, fá-la-á diante de tudo o que não é Deus.

O próprio homem escreveu essa verdade em todas as páginas de sua história. No paraíso terrestre, recusou-se a fazer a Genuflexão diante de seu Criador. Por isso está dispensado de fazê-la? Ai! Não. Por mais de vinte séculos, vemo-lo, em todos os pontos do globo, fazendo dócil e vergonhosamente a Genuflexão diante de miríades de pretensos deuses, imundos, ridículos, sanguinários.

Não só a plebe ignorante, mas os filósofos mais renomados, os oradores, os poetas, os generais de exército, os mais altivos Césares cumprem a impiedosa lei. Como se conduzem certos animais, o urso e o búfalo, por meio de uma argola passada na cartilagem do nariz, Satanás os conduzia aos pés de seus altares e os forçava a dobrar os joelhos diante dele.[2] Eis o que se passava nos belos séculos da bela antiguidade.

Ora, o século XIX, tomado em seu conjunto e tal como se personifica em suas grandes manifestações, já não faz a Genuflexão diante do Deus verdadeiro. Os governos já não a fazem; são todos hostis ao Deus verdadeiro, à Igreja sua esposa, ao Papa seu representante. Os fabricantes de constituições e de leis já não a fazem; os costumes públicos, a opinião pública, o comércio, a indústria, as artes, as ciências, a filosofia, a educação, a literatura já não a fazem. Salvo algumas poucas exceções, essas múltiplas manifestações do século XIX voltam as costas ao Deus verdadeiro, quero dizer, fazem-se às avessas de seus ensinamentos.

Dá ouvidos e os ouvirás clamar a uma só voz:

> *“O Clericalismo: eis o inimigo! Não queremos mais o Deus de nossos pais, nem a sua Igreja, nem os seus dogmas, nem a sua moral. Tudo isso nos pesa: Nolumus hunc regnare super nos («Não queremos que este seja nosso rei*

). Não me condenarão, a mim, século XIX, século das luzes e dos prodígios, a fazer, como os séculos de barbárie, a Genuflexão diante do Deus do cristão.» Eis uma linguagem altiva. Será prova de que o século XIX não faz a Genuflexão? Vamos ver.

Quando o Deus verdadeiro sai pela porta, os deuses falsos entram pela janela. Sem dúvida o século XIX já não faz a Genuflexão diante do Deus verdadeiro, e disso se vangloria. Mas, apesar de si, fá-la diante de outros deuses; fá-la muitas vezes, fá-la vergonhosamente: jamais houve tantos genuflexores como nos tempos atuais.

Há menos de cem anos, as cidades da França e a maior parte das aldeias viram muitos, e dos mais altivos, que, à imitação dos legisladores de então, faziam a Genuflexão diante de um ídolo de carne, posto sobre os altares. Outros, em grande número, adoravam o deus-povo, à espera do deus-imperador, o *Divus imperator*: deus de capacete, botas, esporas, chicote na mão e sabre à cintura. Depois da queda desse novo deus, quantos outros foram e ainda são adorados! Várias vezes a deusa república não teve as suas festas, as suas estátuas, os seus hinos de triunfo, e não obteve os mais solenes juramentos de fidelidade? O deus Estado não é ainda hoje o grande deus da Europa?

Roma revolucionária não presta um culto público, no cume do Capitólio, à Loba de Rômulo? Que dizer das Genuflexões inglesas, russas e prussianas?

Não se fazem ainda cada dia, sob os nossos olhos e por toda parte, milhares de Genuflexões diante do deus ouro, diante do deus poder, diante do deus carne? A esses falsos deuses não se sacrifica tudo o que é devido ao Deus verdadeiro: a verdade, o respeito de si mesmo, a honra, a consciência? Assim, esse altivo século XIX, que se julga grande demais para fazer diante do Deus verdadeiro uma Genuflexão que honra, não se cansa de fazer diante de ídolos Genuflexões que desonram.

Coisa digna de nota, meu caro Frederico: esses deuses modernos são os deuses antigos. Deuses sempre os mesmos: imundos, ridículos, sanguinários. Para revê-los tais como eram adorados há dois mil anos, sob o brilhante sol de Roma e da Grécia, só faltam os nomes e a forma plástica. Mas paciência. Como o culto interior se manifesta necessariamente pelo culto exterior, não se deve jurar de nada. Quem teria dito em 89 que em 93 haveria uma prostituta sobre o altar de Notre-Dame de Paris? Desde hoje, uma coisa é permitida: dizer com Pio IX que a Revolução reconduz a humanidade ao paganismo.[3]

O século XIX, em sua parte dirigente, não só já não faz a Genuflexão diante do Deus verdadeiro, mas não quer que se faça. Há milhares de vozes para proscrevê-la; para zombar, e até ameaçar, os que a fazem.

Escutemos o que se diz, leiamos o que se imprime:

> *Envergonhamo-nos de ver ainda certo número de homens ignorantes e muitas mulheres fanáticas dobrar o joelho diante de Deus. Para libertá-los de uma superstição que desonra o nosso século, vamos, de um lado, mostrar-lhes como são ridículos e, de outro, destruir todos os objetos que, lembrando-lhes o que chamam o mundo sobrenatural, poderiam motivar esses atos degradantes.*

Cumprem a palavra. Se te custa, meu caro amigo, ouvir as suas blasfêmias, não me custa menos repeti-las. Contudo é uma necessidade conhecê-las, para saber em que ponto estamos e com quem temos de lidar. Todas se resumem nesta palavra: Nada de adoração; por conseguinte, nada de genuflexão.

Dirigindo-se aos católicos de todos os países, dizem:

> *Clericais, quem quer que sejais, homens e mulheres, seja qual for a vossa posição social, não sois mais que brutos inconscientes, conduzidos por brutos tonsurados. O Deus que eles vos ensinam é o mal; o Cristo um impostor; o papado um cancro; o papa um vampiro.*

> *Certas pessoas pretendem ainda que há bons padres e bons monges. Não, não há bons padres; não, não há bons monges. O padre e o monge estão em guerra aberta com a sociedade; são inimigos do progresso e da luz; são forçados por ordem superior a trabalhar pelo embrutecimento das massas, a fim de apressar, por todos os meios possíveis, o triunfo completo da Igreja católica romana.*

> *Os bandidos da Calábria e dos Abruzos, comparados aos que exercem o banditismo sagrado, não eram mais que a infância da arte.*

Quando se pensa que, depois de dezoito séculos de cristianismo, semelhantes blasfêmias, e uma infinidade de outras que me envergonharia de transcrever, podem proferir-se impunemente no seio de nações batizadas, pergunta-se com pavor em que ponto estamos e para onde vamos.

Até amanhã, a continuação deste triste assunto.

Todo teu.

Notas

[1] N. do T.: Dn 7, 9: «o Antigo dos dias se assentou».

[2] *Scitis quoniam cum gentes essetis, ad simulacra multa prout ducebamini euntes.* — «Sabeis, que quando ereis Gentios, concorriese aos simulacros mudos conforme ereis levados» (1 Cor 12, 2).

[3] Essas palavras textuais leem-se na Advertência que acaba de ser dirigida (junho de 1876) aos católicos de Roma, a propósito do futuro conclave.

Revision #1
Created 24 November 2026 01:13:49 by Admin
Updated 24 November 2026 01:13:49 by Admin